

# AVANÇOS E DESAFIOS NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS E NO CONTEXTO SOCIAL DE UMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI, PARÁ.

Gracilene Ferreira Pantoja<sup>1</sup>  
Danrley Ferreira Moraes<sup>2</sup>  
Rafael de Jesus Corrêa Quaresma<sup>3</sup>  
Graciete Pantoja Antunes<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente trabalho objetivou fazer um levantamento sobre as práticas educacionais e pedagógicas da Escola Caetano Corrêa Leão, situada no campo, estando localizada na Vila Suspiro, PA-430, no município de Igarapé-Miri, Pará, contemplando o contexto e o histórico da escola, a gestão escolar, a prática pedagógica em ciências, o contexto social e econômico do território que a escola está situada e a relação escola família/comunidade, para assim alcançarmos uma visão mais ampla das práticas educacionais que tem sido desenvolvida. O levantamento de dados ocorreu durante as disciplinas de Estágios Supervisionado I e II dos discentes do curso de licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba nos meses de Setembro e Outubro de 2016, após autorização da escola por meio do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados foram obtidos por meio de observações, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com alunos, equipe gestora, professora de Ciências, cuidadora e cinco moradores da Vila Suspiro/pais de alunos, tendo como ferramentas: roteiros de perguntas, gravador, câmera fotográfica e caderno de anotações que auxiliaram na coleta de informação. Os dados foram analisados de forma qualitativa a partir das narrativas dos entrevistados e diários de campo. Como resultado, destacamos a princípio, o histórico da instituição de ensino que atende doze (12) localidades de regiões de terra firme e várzea, a qual surgiu a partir da necessidade dos moradores das comunidades: Suspiro, Santo Antônio e Itamimbuca. Atualmente, a mesma contempla o nível fundamental (regular) e médio pelo Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). Constatamos que a escola apresenta ainda inúmeros desafios nas práticas educacionais e pedagógicas, porém observa-se que gradualmente a mesma começa a adentrar nas perspectivas da Educação do Campo, abordando alguns elementos do contexto do educando, tentando envolver cada vez mais a família, a cultura, o ambiente e suas singularidades, contudo ainda não é suficiente para a que a Educação do Campo se concretize totalmente, pois é um processo longo, transformador, que necessita de formações específicas e porventura a escola já começou a construir naturalmente.

**Palavras-chave:** Estágio. Escola do Campo. Gestão Escolar e Pedagógica. Prática Docente

---

<sup>1</sup>Graduada em Lic. Educação do Campo com Hab. em Ciências Naturais (2018), mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidade pela Universidade Federal do Pará. [gracilenepantoja\\_gp@gmail.com](mailto:gracilenepantoja_gp@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduado em Lic. Educação do Campo com Hab. em Ciências Naturais (2018) pela UFPA; Especialista em Teorias e Metodologias da Educação Básica pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) [danrleyferreira97@gmail.com](mailto:danrleyferreira97@gmail.com);

<sup>3</sup>Graduado em Lic. Educação do Campo com Hab. em Ciências Naturais (2018), mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidade pela Universidade Federal do Pará. [rafaeldejesus94@hotmail.com](mailto:rafaeldejesus94@hotmail.com);

<sup>4</sup>Graduada em Pedagogia, pós-graduada em: Gestão e Orientação Educacional; Educação Especial; Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância; Educação ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis; Mestranda do Programa de pós Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica Universidade Federal do Pará - UFPA, [gracietepantoja@hotmail.com](mailto:gracietepantoja@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O estagio supervisionado em consonância com a pesquisa nos cursos de licenciatura destaca-se como um complemento essencial na formação do futuro educador, sobretudo, no que diz respeito à formação de educadores do campo, pois se pode compreender melhor as dinâmicas da escola situada no campo e suas singularidades, refletindo também a respeito da didática do professor atuante e se preparando para exercer a profissão no meio rural.

Este é o momento em que os futuros educadores, começam a compreender a profissão, não somente em termos de competência em conteúdos disciplinares, mas como algo para além da teoria em que se aprende na universidade, como por exemplo, o vínculo que estabelecem com os demais profissionais, a afetividade com os alunos, compreendendo e identificando suas dificuldades, seus comportamentos e desafios que enfrentam para chegar até a escola e no seu dia a dia, além de levar em conta as especificidades da escola e de seu entorno, considerando todos esses elementos como de suma importância para se alcançar o sucesso no ensino e aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, entendemos que para além do domínio das disciplinas ao longo do curso, os profissionais da Educação do Campo procuram sempre estabelecer uma visão mais ampla para todo um contexto, o que de fato é crucial durante todas as experiências adquiridas no decorrer dos estágios e pesquisas em que realizam, e isso se deve também, não só a estágios restritos a apenas uma única escola, pois se faz necessário, sobretudo, para o educador do campo que vivencie as dinâmicas de diferentes escolas do campo, seja as situadas em ramais, estradas ou ilhas.

Nesse contexto, objetivamos fazer um levantamento sobre as práticas educacionais e pedagógicas da Escola Caetano Corrêa Leão, situada no campo, estando localizada na Vila Suspiro, PA-430, no município de Igarapé-Miri, Pará, contemplando o contexto e histórico da escola, a gestão escolar, a prática pedagógica em ciências, o contexto social e econômico do território que a escola está situada e a relação escola família/comunidade, para assim alcançarmos uma visão mais ampla das práticas educacionais que tem sido desenvolvida.

O levantamento de dados ocorreu durante as disciplinas de Estágios Supervisionado I e II, dos discentes do curso de licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba nos meses de Setembro e Outubro de 2016, após a autorização da escola por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Neste período, a equipe de estágio acompanhou em todos os momentos o trajeto dos alunos e professores da escola, observando inicialmente o deslocamento dos alunos e professores, estendendo essa observação até a referida instituição de ensino. Realizamos também, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com alunos, equipe gestora, uma professora de ciências, uma cuidadora e cinco moradores da Vila Suspiro/pais de alunos, utilizando-se como ferramentas de pesquisa: roteiros de perguntas, gravador, câmera fotográfica e caderno de anotações que auxiliaram na coleta de informações. Os dados foram analisados de forma qualitativa a partir das narrativas dos entrevistados e diários de campo.

A seguir, descreveremos sobre as observações iniciais que se fazem pertinentes no contexto social da escola do campo, para então adentrarmos nos aspectos que envolvem a instituição, bem como os avanços e desafios nas práticas educacionais e pedagógicas da mesma.

## 2. OBSERVAÇÕES INICIAIS

Inicialmente, para chegar até a instituição de ensino, a equipe de estágio utilizou o transporte escolar para o deslocamento. Em 2015, havia dois ônibus escolares que conseguiam suprir a demanda de alunos residentes da PA-430 e ramais. Com o defeito em um desses, os estudantes passaram a utilizar apenas um ônibus maior que não suporta todos os passageiros que o utilizam. O transporte possui capacidade para sessenta (60) alunos sentados, porém recebe diariamente por volta de dez (10) professores e mais de oitenta (80) alunos.



**Figura 01:** Ônibus escolar- Em 13/09/2016

Ao sairmos da sede do município de Igarapé-Miri, passamos por uma pequena ponte antiga de madeira no perímetro conhecido como “marombinha”. Nesse mesmo perímetro há um bom asfaltamento da rodovia PA-430 o que permite rápida locomoção nesse espaço. Distanciando-se um pouco mais da sede do município, a estrada encontra-se bastante esburacada, com várias poças de lama, poeira, o que deixa a locomoção difícil.

A estrada encontra-se em condições bastante precárias. Os professores utilizam toalhas sobre o rosto durante o trajeto para evitarem o contato intenso com a poeira que invade o ônibus. Além do excesso de pó, há bastante fumaça em um perímetro da estrada oriundo de um lixão a céu aberto. A fumaça vem trazendo problemas de saúde, afetando principalmente alunos que residem ao lado do espaço poluído. Os mesmos relatam durante o trajeto que certas noites não conseguem nem dormir por causa do mau cheiro e da fumaça que invade as residências. É importante ressaltar que já estamos no ano 2020 e esta situação de descaso nesse perímetro ainda perdura.

Muitos alunos caminham em ramais bastante extensos, alguns com deficiência física, auxiliados pelos seus pais, colegas ou irmãos que ajudam na condução da cadeira de rodas. Ouviu-se relatos sobre a falta de segurança nos ramais, o que muitas vezes os impede de irem estudar, alguns estudantes residem em casas bem humildes.

Durante o trajeto, observamos também que há muitos ramais como: ramal da ponte, ramal da picota, ramal São Estevão, Vila Três Cruzes, além destes um condomínio, uma rádio, fazendas, sítios, residências de alvenaria, madeira e palha, uma fábrica de carvão, um lixão a céu aberto, igrejas evangélicas, o sitio Dom José Elias Chaves da paróquia de Sant'Ana, e uma segunda ponte (fig.02) que dá acesso ao início da vila suspiro que em 2016 tinha estrutura de madeira, e em 2020 já se encontra com estrutura de concreto.



**Figura 02:** Ponte sobre o Igarapé Furo do Suspiro - em 08/09/2016



**Figura 03:** Igarapé Furo do Suspiro - em 08/09/2016

Já na vila suspiro, encontram-se casas de alvenaria e madeira, igrejas evangélica e católica, centro comunitário, bares, mercadinhos, salão de beleza, escola de educação infantil “Trem da Alegria”. (fig.04) Mais adiante, atravessando uma ponte de 60,3 m extensão, a qual fica sobre o rio furo do suspiro, chegamos até a escola Caetano Correa Leão.No decorrer da pesquisa não foi possível apanhar dados populacionais no IBGE (jovens, crianças e, no geral).



**Figura 04:** Escola de Educação Infantil “Trem da Alegria” - em 08/09/2016

### **3. APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO DA ESCOLA**

A escola de Ensino Fundamental Caetano Corrêa Leão, localizada na Vila Suspiro, PA-430/km 09, distrito Meruú-Açú, município de Igarapé-Miri, Pará, contempla o ensino fundamental menor e maior além de ceder espaço para o Ensino Médio ofertado pelo Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME).



**Figura 05:** Escola Caetano Correa Leão – em 08/09/2016

É uma escola polo do distrito Meruú-Açú e atende as seguintes localidades: Vila suspiro, Mamangal Grande, Rio Santo Antônio, Rio Japuretê, Itamimbuca, Acarajó, Cambéua, Igarapé Castanhal, Caiá, Vila Três Cruzes, Ramal da Picota, Ramal do Estevão. No ano de 2016 a escola conta com 477 alunos matriculados regularmente no ensino fundamental



maior e menor. No ano de 2015 a escola apresentou um numero total de 58 alunos reprovados no mesmo nível de ensino.

Observou-se no portal do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que houve avanço significativo nos três últimos resultados correspondentes ao ensino fundamental menor: 2011 - 3.1, 2013 - 2.7, 2015 - 3.4, no entanto, o ensino fundamental maior regrediu alguns pontos: 2011 - 2.4, 2013 - 3.9, 2015 - 3.4.

Com base em dados apresentados pela direção, a escola Caetano Corrêa Leão surgiu a partir da necessidade das comunidades: Suspiro, Santo Antônio e Itamimbuca. Foi fundada no ano de 1972, na gestão do prefeito municipal Eládio Lobato, sendo que a mesma recebeu o nome de “Capitão Arcelino Lobato”, na época um prédio de alvenaria com uma sala de aula, uma copa-cozinha e um banheiro.

Em 1997, na primeira gestão do prefeito municipal Mário da Costa Leão, o referido prédio passou por uma ampliação, ficando com três salas de aula, banheiros e uma copa-cozinha, e no momento da entrega do prédio a comunidade, a escola recebeu o nome de Caetano Corrêa Leão em homenagem ao genitor do prefeito da época, a homenagem deu-se devido à participação do senhor Caetano na educação da região. E até a referida época a unidade só oferecia as séries iniciais do ensino fundamental de oito anos.

Na medida em que o tempo se passava, a necessidade da escola aumentava, tanto que em 2003, ela passou por mais uma reforma e ampliação, ganhando mais três salas de aula, a partir desse momento ofereceu o nível médio pelo SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino). Sete anos depois, mais uma reforma e ampliação do prédio, em abril de 2010, as comunidades e a clientela estudantil da Caetano, recebeu um novo prédio escolar, ficando com doze salas de aula, da gestão do prefeito municipal Roberto Pina de Oliveira. Por fim apresentamos nomes dos primeiros docentes que contribuíram com a prática pedagógica da escola: as senhoras Aurora, Célia, Raimunda Silva, Helen Cardoso, Maria José Moraes e o senhor Manoel João.

#### **4. FORMAÇÃO DOCENTE**

Segundo a coordenadora pedagógica, a formação do quadro docente da escola é bem diferenciada. No ensino fundamental menor todos tem formação na área de pedagogia, a partir do 6º ano as formações são específicas de cada área, existem casos de professores que não atuam em sua área de formação, porém possuem nível superior, sendo a maioria, concursados.

A participação do docente no processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) foi bastante direta, onde os mesmos apresentaram suas dificuldades em sala de aula e a partir de então a escola elaborou algumas linhas de trabalho para que as problemáticas pudessem ser minimizadas.

As atividades de planejamento são realizadas geralmente em um dia na semana. Durante essas atividades são formados equipes por áreas de atuação e cada uma apresenta suas necessidades, em seguida todos se reúnem para socializar suas propostas e assim são elaborados os planos de aula para serem aplicados em sala de aula.

Os planos de aula devem ser bem elaborados, pois existem constantes desafios e dificuldades em relação à aprendizagem, a leitura e cálculos matemáticos que segundo a coordenação pedagógica isso se deve ao seguinte fato:

“[...] Devido ser uma escola, quase que polo porque ela não foi fundada assim pra ser um polo aqui no local, ela foi se tornando sem planejamento e quando as coisas vão sendo... vem para uma realidade sem um plano, sem um planejamento ela foge do controle [...] Ai a gente está se questionando o por quê. Nós fizemos uma avaliação e vimos que a escola está recebendo alunos de várias localidades, aqui as turmas elas são seriadas, nós não temos multisséries, só que aqui, quando vem alunos de outra localidade, transferidos pra cá, vem de multissérie, com muita dificuldade, ai ele encontra uma outra realidade, ai dentro dessa outra realidade que sente dificuldade não é só o aluno mas é o aluno e o professor, ai encontra dificuldade. Essa é a maior dificuldade que as pessoas encontram e em cima disso é que a gente tenta trabalhar, todo o processo da aprendizagem, da leitura, da escrita, é uma alfabetização mesmo devido a gente receber uma imensidão de clientela diferentes. [...] A gente tá organizando agora, a escola mesmo, não tem ninguém da secretaria destacado para esse processo, a escola mesmo vai dando um jeitinho de atender esses alunos com dificuldades, até mesmo no contra turno, aqui na biblioteca, a nossa professora que fica na biblioteca nos dá esse apoio, a gente sabe que esse processo é lento, demorado e que a gente só vai ver esse resultado lá na frente.” (coordenadora pedagógica, 2016)

Percebe-se, muitas vezes, que “a escola atribui o fracasso escolar às condições sociais e a origem dos alunos.” (ANDRADE 2006, p.12) e que apenas tem como meta, alcançar resultados nas avaliações, embora o motivo afirmado também precise ser analisado considerando os diferentes sujeitos. Sobre isso, Fiale (2010), complementa que a responsabilidade do fracasso escolar não é somente do aluno, há a necessidade de pensar em toda a questão pedagógica.

O processo de avaliação, atualmente, está ocorrendo de forma diferenciada por meio de simulados. Essa metodologia engloba todas as disciplinas, cada uma com cinco ou seis questões, valendo apenas metade da avaliação. A partir dessa nova metodologia, a coordenação pedagógica observou que o resultado foi bastante satisfatório.

É realizada no ambiente escolar a formação continuada para professores, funcionários de apoio e demais seguimentos. A equipe de gestão é quem coordena escolhendo um tema

para ser trabalhado e dependendo desse tema é selecionado alguém da área para ministrar uma palestra para o público-alvo.

## 5. PRÁTICA DOCENTE DA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS

Em entrevista à professora de Ciências, relatou sobre a sua relação de convivência com os alunos. A mesma afirma que é necessário ter sempre uma boa relação professor/aluno, pois esta contribuiu para a condução de uma boa aula. Em suas aulas ela modifica a disposição de carteiras conforme o conteúdo e metodologia utilizada, como por exemplo, nas aulas de exposição organiza de maneira circular.

Na rotina da sala de aula, dependendo do conteúdo e da turma as metodologias desenvolvidas podem variar. Em aulas de botânica são utilizados recursos naturais encontrados no próprio ambiente escolar. Nas turmas que apresentam maiores dificuldades são aplicados trabalhos em equipes, nas turmas mais avançadas são trabalhos individuais e de exposição. Em geral, todas as séries realizam exercícios de fixação e fazem avaliação com no máximo cinco (5) pontos. O restante é subdividido em exercícios e trabalhos. A professora não costuma avaliar por comportamento:

“Eu não costumo avaliar aluno por comportamento, alguns acabam se prejudicando, porque tem alguns que são quietos por natureza, mas nem é tão influente e nem participa tanto como os outros. Já alguns que são mais “elevados”, geralmente participam mais, falam mais, mas aí não considero avaliar por esse lado.” (Professora de Ciências, 2016)

O conteúdo programático é construído na semana pedagógica por todos os professores de ciências e é enviado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Faz quatro (04) anos que o último foi construído e desde então não houve modificações nele.

A partir deste conteúdo a professora faz suas observações e traça seus objetivos, construindo assim o seu plano de aula que tem duração de seis meses contemplando todas as turmas, porém aquelas que apresentam mais dificuldades, há uma diferenciação na metodologia. Esse plano é composto por conteúdo, objetivo, recursos e avaliação onde a professora inclui temas que considera relevante e necessário para o aprendizado:

“Alguma outra coisa que não tem no currículo que acho importante, eu acrescento, não fico só naquilo, porque acho que tem conteúdos que são importantes para os alunos, por exemplo, na 8ª série, tem muitas doenças que são do dia-a-dia, mas não tem lá no currículo.” (Professora de Ciências, 2016)

A professora considera como assuntos relevantes aqueles que são trabalhados com mais frequências nas provas de vestibular, sobretudo, assuntos do processo seletivo especial de Licenciatura em Educação do Campo. Existem conteúdos do ensino fundamental que a



professora opta em aprofundá-los, pois no ensino médio serão trabalhados de forma mais complexa o que ajudará o aluno ter uma base melhor.

O conteúdo é aplicado de forma igualitária em todas as turmas, inclusive para aquelas que apresentam alunos com deficiência. O atendimento a esses estudantes é feito por um cuidador dentro da sala de aula atendendo todas as disciplinas. No 7º ano a professora-cuidadora atual está em processo de aposentadoria e devido sua idade já possui dificuldade na compreensão do conteúdo. A professora de ciências afirma que trabalha com os alunos que possuem necessidades especiais utilizando os mesmos métodos, até mesmo na avaliação para incluí-los de maneira geral no processo de aprendizagem:

“Saiu recentemente uma nova inclusão a respeito de adaptar para esses alunos com deficiência, mas como estamos trabalhando para incluir o aluno, acredito que com adaptação já vai excluir ele dos outros, então envolvo todos juntos.” (Professora de Ciências, 2016)

Percebe-se que a questão da adaptação das avaliações para esses estudantes é um dos problemas dessa escola, pois os professores de classe dizem que as cuidadoras são responsáveis pela adaptação, enquanto que a cuidadora responsável afirma que é o contrário. Essas observações corroboram com pesquisas realizadas por Vinha e Tartuci (2017) sobre a atuação das professoras de apoio à inclusão, na qual perceberam que em geral estas professoras atuam isoladamente do professor regente.

No entanto, de acordo com o Ministério de Educação e Cultura (MEC), o profissional de educação especial tem como uma de suas atribuições “atuar de forma colaborativa com professor da classe comum para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso do aluno com necessidades educacionais especiais ao currículo e a sua interação no grupo”(BRASIL, 2006, p.17). Assim cabe ressaltar que ambos profissionais devem trabalhar em conjunto para que o estudante obtenha sucesso no aprendizado.

Constatou-se que uma das dificuldades encontradas pela professora de ciências durante o processo de ensino-aprendizagem é a falta de materiais didáticos. Não há livros suficientes, embora a professora produza materiais com os conteúdos, os alunos apresentam dificuldades financeiras para adquiri-los. Nas turmas que possuem apenas cinco livros didáticos, a professora realiza atividades em equipe.

Observou-se que a professora é muito dedicada e trabalhava incansavelmente para contribuir com a educação no campo, além de trabalhar os conteúdos relacionando com a realidade dos alunos. A mesma atua na iniciação científica no campo, orientando projetos que recentemente foram premiados na Feira de Inovação, Ciência e Tecnologia de Igarapé-Miri (FEICITI). O projeto **Pomada Fitoterápica** da escola Caetano Corrêa Leão, orientado por

ela, recebeu credenciamento para a FECEAP (Feira de Ciências do Estado do Amapá) no ano de 2015, e em 2016 o projeto **Bicibomba**, recebeu credenciamento para a MCTEA (Mostra Científica e Tecnológica da Escola Açai).

Posturas docentes como essa, sobretudo no campo, precisam ser tomadas como exemplos pelos demais educadores que atuam na área rural, visto que, ocorrerá uma emancipação e autoafirmação dos saberes adquiridos na escola do campo. Como afirma Molina, Sá (2011) “a partir dessas experiências torna-se possível acumular aprendizados e valores para a construção de novas relações sociais fora da escola, com maior protagonismo e autonomia desses sujeitos.”

A partir da teoria contextualizada em sala de aula, os alunos poderiam observar em sua própria comunidade algumas problemáticas e compreender com mais facilidade os conteúdos na prática, pois segundo Arroyo (s.d): “As crianças e os adolescentes, jovens e adultos levam às escolas experiência de participar desde cedo na produção da vida, na sobrevivência, no trabalho. Os saberes dessas vivências serão reconhecidos nos processos de educação escolar?”. Para Ghedin (2012, p. 36.) “a prática sobre a qual nos interessa refletir é aquela que efetivamente transforma o cotidiano da sala de aula; para que isso se torne possível, as condições do ensino teriam de ser examinadas e, em definitivo, mudadas.”

É importante destacar que nem sempre a não realização dessa prática é de exclusividade do educador como diz Borges (2006):

“A escola é submetida a regras, restrições, convenções e regulamentos próprios da instituição educacional [...] Nesse local, devem ser trabalhados os sentidos e os significados percebidos e os materiais culturais existentes, sem considera-los como uma zona de criação. Essa produtividade, entretanto, não pode ser desvinculada do caráter social, dos processos e das práticas de significação.”

Sobre isso, Freitas (2012 p. 392) assinala que “as variáveis que afetam a aprendizagem do aluno não estão todas sob o controle do professor. Essa pressão e controle produzem um sentimento de impotência associado à necessidade de sobreviver, que tem levado à fraude”.

## **6. GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR**

A equipe gestora da escola pesquisada foi constituída por meio de eleições diretas na escola instituída pela nova lei municipal 5.102/2015, aprovada pela câmara de vereadores e sancionada pelo Governo Municipal, pois anteriormente era definido por indicações de governo, devido ser um cargo de confiança. Segundo a diretora e a vice-diretora, a escola Caetano Corrêa Leão foi a primeira escola do município de Igarapé-Miri a aderir a este novo

processo de constituição da equipe de gestores que possui duração de três anos. A gestora tem graduação em pedagogia e pós-graduação em gestão escolar.

Quatro pessoas compõem a equipe de gestão, são eles: uma Gestora, uma vice e duas coordenadoras pedagógicas. Segundo a gestora, a escola está em processo de atualização junto ao Conselho Estadual de Educação, os documentos necessários já foram encaminhados e a escola está aguardando uma fiscalização para então assinarem o termo de autorização do conselho, sendo que a maioria das escolas do município não possui este registro. O estabelecimento de ensino é registrado como escola do campo.

Na escola há um conselho estruturado e atuante formado por um presidente, um tesoureiro, um secretário, a comunidade escolar, sendo dois pais, dois alunos, um professor e o gestor é membro nato. O conselho atua na parte financeira, coordenando os recursos junto com a gestão, que são enviados para o estabelecimento e também na parte do ensino, quando há problemas mais graves em que a escola precisa do apoio para a solução de algumas situações. A legitimação da formação e estabelecimentos dos conselhos escolares nas escolas está definida no artigo 14 da LDB/96:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I) participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político pedagógico da escola; II) participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996 p.4.)

Diante desta realidade, é importante afirmar que a formação dos conselhos escolares sempre foi válida e constitui-se em meios democráticos de lutas, conquistas e demonstra a necessidade de se buscar cada vez mais trazer a sociedade as discussões em prol da melhoria da qualidade de educação.

## **7. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

A escola Caetano Corrêa Leão possui duas coordenadoras pedagógicas com formação em pedagogia. As mesmas têm como função promover formações para atender o nível fundamental e em alguns casos também para o Ensino médio, devido à escola ceder espaço para oferta deste, por meio do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). Também acompanham o andamento do professor, além de ajudar com suporte para ele desenvolver suas atividades na medida do possível.

Segundo a coordenadora pedagógica A, em sua chegada à instituição de ensino já existia o Projeto Político Pedagógico (PPP), sendo reestruturado no ano de 2015 juntamente com a contribuição da comunidade escolar para realização de algumas modificações, dentre

essas: O processo de eleições diretas na escola como forma de ocupação do cargo de gestor e atender as necessidades dos alunos locais, visto que a escola atende alunos de aproximadamente sete (07) localidades, tornando-se então uma escola polarizada. O PPP contempla em partes de sua estrutura a Educação do Campo.

Atualmente a coordenação trabalha no ensino fundamental menor com sequências didática e projetos que são trabalhados mensalmente, tendo alcançado bons resultados. Todos os professores do ensino fundamental menor trabalham um tema durante um mês de acordo com a especificidade de sua turma. No último resultado do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) o ensino fundamental menor apresentou um avanço significativo que, segundo a coordenadora A, deixou os funcionários muito felizes. Este resultado se deve a facilidade de reunir os professores e trabalhar uma mesma temática, já no fundamental maior é bem mais complicado, pois os professores trabalham por hora-aula e não ocorre uma interação entre as disciplinas.

Durante o exercício da função, a coordenadora pedagógica A relata que sua rotina é muito intensa, pois muitas vezes, a mesma realiza atividades não correspondentes à sua função, como intervenções em sala de aula, problemas fora do estabelecimento escolar o que impede a realização de seu trabalho de maneira eficiente, atrapalhando o foco da coordenação que é planejar e elaborar projetos.

Existiam projetos de atendimento à comunidade, no primeiro semestre, como: oficina de culinária, turma de balé e dança, veiculados ao Programa Educacional Mais Cultura nas escolas do Ministério da Educação. A instituição recebia recursos para execução deste, porém com o fim do financiamento, o projeto infelizmente parou, sendo que a escola ainda aguarda pela segunda remessa do recurso. Eram atendidos diretamente pessoas da comunidade, pais e alunos para serem atendidos no contra turno.

Em meio às dificuldades, a gestão e coordenação escolar têm como perspectiva, aproximar mais a comunidade do ambiente escolar, fazer com que todas as pessoas sintam-se bem no ambiente de trabalho e estudo, pois assim a escola apresenta melhores resultados. Para isso, “as pessoas envolvidas no processo pedagógico devem estar abertas para a troca, a valorização dos saberes, o compromisso e a responsabilidade com a vida, na postura política, na ética social e humana, no resgate das culturas e na pertença e identidade dos movimentos sociais do campo.” (SOUZA, 2008, p.54).

Sobre isso, Cunha (2012, p. 14), corrobora com a ideia de que (...)” é necessário que os saberes sistematizados no cotidiano das salas de aulas sejam socializados entre os

professores (...) com diálogo reflexivo baseado não somente na experiência individual, mas sobretudo, na discussão coletiva”.

## **8. CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO DO TERRITÓRIO**

Na Comunidade Vila Suspiro tem o açaí como atividade produtiva mais intensa dentro da agricultura familiar que também é composta por pesca, caça e roça, estes são apenas para o consumo. Existem outras formas de sustentabilidade econômica como: comércio, serviço público e Bolsa Família.

No território residem aproximadamente 52 famílias, algumas são beneficiadas pelo Assentamento Emanuel, também existe aquelas que recebem apoio de assistência técnica da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Suas casas são construídas de madeira e alvenaria, todas são residências próprias dos moradores. Na localidade existem duas escolas: Caetano Corrêa Leão e a Creche, Trem da Alegria. Há também um campo de futebol bastante utilizado pelos moradores. As instituições religiosas são representadas pela comunidade cristã São Pedro/ Paróquia de Sant’Ana e a igreja evangélica Assembleia de Deus.

Os principais problemas socioambientais da comunidade são: poluição do rio furo do Suspiro, que anteriormente não havia a coleta de lixo, assim como na vila e o assoreamento do mesmo, fato este destacado pela professora durante as aulas de Ciências.

A comunidade possui equipamentos de informação como: jornal, televisão, rádio e internet. As manifestações religiosas de maior destaque são as festividades de São Pedro, Santo Antônio, Santa Maria (Cambéua), Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião (Vila Maiauatá). Entre as datas cívicas houve um período em que ocorreu desfile de sete de Setembro na vila. Outro momento festivo é a feira cultural que ocorre anualmente na escola.

Além dessas manifestações culturais, havia grupos de dança e teatro veiculados ao programa Mais Educação. Os moradores da Comunidade Vila suspiro têm como principais formas de lazer as festas, jogo de futebol e banho de rio.

Não há projetos desenvolvidos pelo território, somente pela escola, a partir da iniciação científica do município de Igarapé-Miri, onde os estudantes realizam ações voltadas para o meio ambiente da comunidade, como por exemplo, a limpeza do furo do Suspiro que é estreito e precisa ser cuidado. Outra ação é a realização da coleta de lixo, os estudantes vão até casas recolhendo e depois retornam distribuindo panfletos.



Segundo uma entrevistada da vila, os moradores da comunidade precisam de mais formações por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e também formações que trabalhem a moral, o respeito e o contexto em que estão inseridos.

## 9. RELAÇÕES ESCOLA E FAMÍLIA/COMUNIDADE

Foram entrevistados quatro pais de estudantes. Estes foram questionados sobre a relação pedagógica existente entre a escola e as famílias da comunidade.

Segundo os pais entrevistados, em geral a escola é bastante participativa e procura interagir com as famílias para uma melhor relação sempre que possível. Contudo, os pais não atendem de forma esperada ao chamado da escola, como relatado pelas mães entrevistadas. Segundo uma delas, a escola interage bastante com a família, procura os pais em suas casas para ter um diálogo, sobretudo, com relação aos estudantes que apresentam problemáticas ligadas ao uso de drogas, entre outros problemas. Porém, a mesma observa que a relação escola e família estão comprometidas, devido à falta da participação dos pais:

“Por parte da escola tem, mas por parte dos pais existe uma carência muito grande de participação, mas eu tive observando que é pela questão de ter muito pai analfabeto, em relação pra ajudar o filho no dever de casa, às vezes eu sou até criticada por isso, porque questiono, e algumas pessoas falam que eu falo as coisas porque eu sou formada e estudei um pouco, então eu coloco para eles que não é porque eu estudei que eu tenho um saber para minha filha, mas, se eu como mãe fizer o esforço para acompanhar, com certeza ela não vai desistir, porque pelo que percebo, muitos nem bem alcançam um certa idade, já desistem, param de estudar, muitos não apresentam interesse em pelo menos dá o suporte para que seu filho continue na escola e alcance um aprendizado melhor. A escola tenta trabalhar com as famílias, mas é muito difícil a participação dos pais, muitos estão na escola mais pela bolsa família e não tem interesse em um projeto de estudo para o filhos e a gente vê uma situação muito triste em relação a isso, mas que a escola tenta trabalhar, inclusive a professora da minha filha que sempre conversa comigo, ela me disse que na turma que ela trabalha tem trinta e dois (32) alunos, mas só chega cinco com o dever de casa pronto, aí fica muito difícil mesmo, ainda querem que a escola faça milagre no seu filho, assim não tem como, porque a escola passa tão pouco tempo no lado dele né, também outra carência que tem é a falta de material didático é muito grande, o espaço não proporciona, não tem uma quadra [...]” (Mãe 1, 2016)

Em entrevista, a diretora apresenta sua opinião sobre a participação dos pais em relação ao desenvolvimento dos filhos na escola:

“Digamos que seja uns 50% que participam, porque tem uma parte que se interessa mesmo, que vem nas reuniões, que procura saber como é que está a média dos filhos e tem um outro número de pais que não se preocupa, não acompanha, é justamente esses alunos que tem dificuldades.” (Diretora, 2016)

A diretora observa que algumas dificuldades presentes estão relacionadas à falta de acompanhamento dos pais nas atividades escolares. Analisando o IDEB, os gestores concluem que embora a falha seja geral na educação dos estudantes, a família não assume a sua responsabilidade de estar presente e ser atuante, sobretudo, nas reuniões, entre outros.

A escola promove reuniões com os pais e encontros de famílias, este último é realizado anualmente. Alguns pais frequentam, porém os quais a escola realmente necessita dialogar, são aqueles cujos filhos apresentam problemáticas graves e infelizmente não comparecem. Muitos dos responsáveis pelos alunos não comparecem porque possuem suas ocupações ou porque já sabem que seus filhos estão com pendências no estabelecimento de ensino.

O transporte escolar é disponibilizado aos pais nos dias em que a presença deles é solicitada, entretanto, o ônibus e o barco chegam vazios, apenas a mãe acompanha o rendimento escolar dos filhos, mas nem sempre é possível. Em casos de ausência extrema dos pais, são feitas visitas domiciliares, no entanto, nem sempre é possível realizar essas visitas, pois o número de funcionários é reduzido na instituição, o que impede de realizar o trabalho com eficácia.

Os entrevistados observam que nas reuniões, poucos pais se manifestam e quando se manifestam, não é para uma melhoria na educação dos filhos e sim por conflitos políticos. É nesse momento que a escola oferece espaço para que pais apresentem suas dificuldades e necessidades.

A escola faz o possível para solucionar os problemas que envolvem seus alunos. Alguns infelizmente não são possíveis de serem solucionados, devido sua origem está presente no ambiente familiar e que é necessária a atuação dos pais para resolvê-lo. “No nosso entender, toda criança pode aprender. No entanto, a escola, isoladamente, não poderá dar solução aos problemas derivados das desigualdades sociais.” (JUCHEN, 2008, p. 91)

Quando ocorre uma situação pedagógica incorreta na escola, alguns pais que questionam, vão procurar saber informações sobre o caso como relatado por uma mãe entrevistada:

“[...] tem algumas carências de professores que ficam esperando a SEMED repassar as coisas para eles, eu fico observando que a professora repete muito o assunto e quando eu pergunto pra ela, ela diz que ainda não foi repassado para ela, que o pedagogo ainda não veio conversar com eles, que a direção da escola ainda não repassou novos conteúdos e ela tem que ficar repetindo para os alunos não ficarem sem aula, inclusive minha filha chegou dizendo aqui esses dias: mãe, passaram uma prova pra nós hoje que eu não entendi nada. E eu perguntei: de que foi a prova? Ela disse: só falaram que era pra marcar na prova: quantas medalhas olímpicas o Brasil levou? Quantas medalhas de ouro? Aí eu pergunto: como que podem chegar e cobrar uma coisa dessas se não mandaram trabalhar isso em casa e nem que a criança tinha que ficar o dia inteiro na frente da televisão e a gente observando.” (Mãe 1, 2016)

Constata-se então que os conteúdos curriculares estão, em parte, deslocados da realidade dos alunos, com isso muitos podem se sentir desestimulados, como afirma Juchem (2008, p.95): “em muitos casos, a escola acaba sendo um lugar frustrante, torturador e

desanimador para as crianças, porque o currículo escolar destrói o desejo de estudar, devido aos exercícios e lições sem significado algum para eles.” Isso ocorre porque “a sociedade capitalista nos ensinou a vincular educação com sala fechada, mesa, cadeira, quadro, giz, ou seja, de forma isolada da realidade.” (ALMEIDA, 2008, p. 169).

Sobre isso, Barroso e Cardoso assinalam que:

A educação, assim como serve para a modificação de comportamentos alheios, serve também para o reforço e criação de novos comportamentos, pautados nos valores dominantes da sociedade a qual essa educação está sendo proferida. Valores estes que variam de acordo com cada sociedade, seja a periferia ou o centro, a instituição pública ou privada, o proletariado ou a burguesia, todos esses valores dominantes se dão por meio do todo que cerca a escola. (BARROSO E CARDOSO, 2018, P.23).

Dessa forma, o professor assume a missão de ser um agente modificador de realidades. Além disso, a escola passa a ser espaço de construção, transformação e formação de indivíduos e realidades e quando os conteúdos são trabalhados de forma mecanicista nas escolas, impede que o educando se construa como um agente de transformação que possa pensar criticamente sua realidade, levando em consideração suas singularidades como a cultura, o trabalho, território e identidade. Para isso, o educador do campo precisa trabalhar a partir dessas especificidades e ir para além disso. Ghedin (2012) defende “uma política pública que traga o lúdico e motive a permanência das famílias no campo e que sua cultura, sua identidade, seus saberes e seus valores sejam respeitados”. Mais a diante afirma que:

“[...] Não basta pensar que a Educação do Campo deve ser trabalhada de forma diferenciada, porque historicamente ela já foi tratada dessa forma como algo atrasado para o desenvolvimento do país. Precisamos pensar sobre educação como direito público com políticas públicas que atenda às diferenças, não mais, segundo Molina (2004), de forma autoritária e de submissão do campo; aos valores sociais, econômicos e políticos, pensados a partir da cidade, não incorporando a visão daqueles que vivem no campo e, muitas vezes, sem uma análise mais rigorosa da própria realidade do campo.” (Ghedin, 2012, p.107)

Um fator que pode contribuir com a educação mais voltada para as reais necessidades dos estudantes do campo, seria a participação em conjunto de todos que integram o processo educativo, seja pais, alunos, representantes de conselho, professores, gestores, com o mesmo objetivo, pois Fonseca (2008, p. 66) afirma que é necessário “a importância de uma participação ativa e efetiva de toda a comunidade escolar na defesa do direito de decidir e acessar uma educação de qualidade que vai além de conselhos representativos.”.

Segundo uma das mães entrevistadas, a escola possui um representante de pais no conselho escolar. Porém a mesma diz que falta mais divulgação de como ocorre à ocupação desse cargo, se é através de eleição e qual a data dela. Ela também afirma que o representante deve ser mais cobrado em suas atividades, pois deixa a desejar em sua função, visto que só

alguns funcionários participam do planejamento de atividades e avaliações, juntamente com os professores.

“Trata-se de uma relação que, na prática, está distante da realidade ou porque acabam participando sempre os mesmos, ou porque a escola não reconhece a importância do PPP. Em decorrência disso, muitas ações já foram feitas e acabaram sendo deixadas de lado [...]” (LIMA, 2006, p.57).

Sobre isso, Garcia e Queiroz (2009, p. 119) afirmam que: (...) “ao construir o seu projeto, os sujeitos não só definem as regras que regem o coletivo como também reconstruem suas relações e práticas escolares.”

Para a senhora Mãe (2) a escola deveria investir mais em encontros com as famílias, visita nas residências e palestras de motivação para que assim seja fortalecido o laço de confiança e amizade entre a escola e toda sua comunidade.

Segundo os pais, a comunidade não utiliza do espaço escolar para outros eventos. Na verdade, a escola é que utiliza o centro comunitário para a realização de eventos, pois não possui espaço adequado que suporte muitas pessoas. Alguns pais acreditam que a construção de uma quadra seria de grande importância, pois contribuiria com educação e lazer tanto dos alunos quanto da comunidade.

A escola não realiza, há algum tempo, ações de conscientização na vila suspiro. Alguns professores tentaram realizar atividades de extensão na localidade, mas não conseguiram levar adiante. Além do ensino uma das mães entrevistadas desejaria que a escola trabalhasse mais palestras educativas e de conscientização com os alunos, a importância do respeito com os mais idosos. Segundo a diretora, a escola sempre tenta envolvê-los, mas ainda não consegue.

Constatou-se durante a entrevista que os pais que alcançaram maior grau de instrução são os mais atuantes e interessados no acompanhamento da vida escolar dos filhos, além de reivindicarem melhorias no ensino. Por esse motivo são criticados por outros pais que não opinam e nem questionam as situações impostas pela escola.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o período de estágios, observou-se que a escola Caetano Correa Leão apresenta-se bem estruturada em comparação com outras escolas da zona rural, porém ainda precisa de avanços nos seguintes aspectos: maior efetivação dos projetos incluídos no PPP da escola como os encontros e visitas nas famílias; melhorar intensificando a participação dos pais no acompanhamento escolar dos filhos; elaborar projetos de extensão que atendam diretamente toda a comunidade; adaptação das metodologias de ensino incluindo aulas

práticas que envolvam mais ainda, o cotidiano dos alunos do campo, além da utilização de materiais didáticos.

Devido ser polarizada, a instituição atende alunos de muitas comunidades, por isso sente dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. A escola precisa trabalhar ainda mais a diversidade sociocultural que os alunos trazem consigo, principalmente nos eventos que promove como a feira cultural. Percebe-se também as dificuldades que muitos alunos enfrentam no trajeto até a escola e que felizmente não os desanima, a iniciação científica também serve como incentivo aos alunos os quais tem a oportunidade de fazer ciência em sua própria localidade, com temas da sua realidade.

Constatamos que a escola apresenta ainda inúmeros desafios nas práticas educacionais e pedagógicas, porém observa-se que gradualmente a mesma começa a adentrar nas perspectivas da Educação do Campo, abordando alguns elementos do contexto do educando, tentando envolver cada vez mais a família, a cultura, o ambiente e suas singularidades, contudo ainda não é suficiente para a que a Educação do Campo se concretize totalmente, pois é um processo longo, transformador, que necessita de formações específicas e porventura a escola já começou a construir naturalmente.

## **AGRADECIMENTOS**

À Escola Caetano Corrêa Leão

À Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM/UFPA)-Abaetetuba



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Teresina de Jesus da Silva. **A Importância do Estágio de Observação: desenvolvendo teoria e prática.** 2012 disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-estagio-de-observacao/99501/>> Acesso 08/15/2015

ALMEIDA, Antônio Escobar de; BARRETO, Eldo Moreira; BRAGA, IzabelaChristiana; XAVIER, Luiz Adílio Alves; PAZETTI, Marcionei. **Educação, escola, movimentos sociais e Comunidade.**

BARROSO, Lucas Bernardo; CARDOSO, Wladirson Ronny da Silva. **O não lugar de pessoas trans no currículo da disciplina Educação Física em Escolas de Belém do Pará.** Iniciação Científica CESUMAR. jan./jun. 2018, v. 20, n. 1, p. 17-30 DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/1518-1243.2018v20n1p17-30>

BRASIL. **Constituição Federal de 88.** Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, E. R. **Os saberes docentes ou saberes dos professores.** 2012. Disponível em:[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/llpt/A\\_a\\_H/didatica\\_I/aula\\_01/imagens/03/saberes\\_docentes.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/didatica_I/aula_01/imagens/03/saberes_docentes.pdf) Acesso em 07 de agosto de 2020.

FIALE, Luciana Amaral. **Fracasso Escolar: Família, escola e a contribuição da Psicopedagogia.** 2010. Disponível em:[http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos\\_cientificos/alunos/pos\\_graduacao/18.pdf](http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/18.pdf) Acesso em: 06/08/2020

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação.** Educação & Sociedade, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr./jun. 2012.

GARCIA, Luciane Terra dos Santos; QUEIROZ, Maria Aparecida. **Embates pedagógicos e organizacionais nas políticas de educação.** Natal: Ed. da UFRN, 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional** n. 9. 304/96

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Salas de Recursos Multifuncionais: espaço para atendimento educação especializado.** Brasília: 2006.

Disponível: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Atualizado em 05/09/2016.

GHEDIN, Evandro. **Educação do Campo: epistemologia e práticas.** -1. Ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário prático da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos 2005.

JUCHEN, Bárbara Bellini; GONÇALVES, Cátia; FRIORINI, Daiane; CARRA, Janes; WOLFF, Eliete Ávila. **Práticas educativas na sala de aula.**

LIMA, Glaci Antônia Mendes de. **EMEF Conquista Dezesesseis de Outubro: para onde caminha essa escola?** Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – UERGS/ITERRA: Veranópolis, 2007. Orientado pelas professoras Carmen Lúcia Bezerra Machado e Marlene Ribeiro.

MACHADO, Carmem Lúcia Bezerra; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares; PALUDO, Conceição. **Teoria e prática da educação do campo: análises de experiências** – Brasília: MDA, 2008. 236 p.: il.; 23 cm. -- (NEAD Experiências).

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu. **Avanços E Desafios Na Construção Da Educação Do Campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

NOGUEIRA FILHO, Raul de Souza (Org.) **I Colóquio Sobre Docência Profissional E Projeção Do CEFET-AM**. CEFET/AM, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004

ROJAS, Jucimara; SOUZA, Regina Aparecida Marques de; CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes. **Dinâmica do trabalho e a organização do espaço na educação infantil**. Cuiabá: EdUFEMAT, 2008.

SOUZA, Eloir José de; ANDRADE, Enedina Ferreira de; LIMA, GlaciAntonia Mendes de; MACHADO, Carmen Lúcia bezerra. **Limites e possibilidades: um olhar sobre o projeto político pedagógico na perspectiva da educação do campo**. 2008

VINHA, Joice Macedo; TARTUCI, Dulcéria. Professor de apoio, docência e as possibilidades de ensino colaborativo como apoio à inclusão de estudantes com deficiência. In: PERES, Selma Martines; PAULA, Maria Helena de; SANTOS, Márcia Pereira dos. **Educação e formação de professores** [livro eletrônico]. – São Paulo :Blucher, 2017. 248 p.